

## RESENHA

---

### EM BUSCA DA PERFEIÇÃO: O PAPEL DO REVISOR DE TEXTOS NOS PROCESSOS DE EDIÇÃO

Isa Maria Marques de Oliveira<sup>1</sup>

RIBEIRO, Ana Elisa. *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*. Divinópolis, MG: Artigo A, 2016.

Ana Elisa Ribeiro é pós-doutora em Comunicação pela PUC-Minas, doutora em Linguística Aplicada e mestra em estudos Linguísticos pela UFMG, onde também concluiu o bacharelado e a licenciatura em Letras/Português. É docente e pesquisadora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) onde atua como professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras - Tecnologias da Edição, em cursos de especialização e na educação profissional e técnica de nível médio. Seu percurso acadêmico transita entre as áreas das Letras e da Comunicação, demonstrando plena versatilidade e domínio quando o assunto é edição de textos, livros e segmentos correlatos.

Importante referência com diversas publicações com temas como: tecnologias e educação; história das tecnologias da escrita e da leitura; formação e atuação de editores e revisores; multimodalidade e letramento digital; mercado editorial e novas tecnologias.

Os estudos sobre edição de livros e revisão textual é uma constante nas aulas que Ribeiro ministra, levantando questões pertinentes não só à atuação, mas também à formação do profissional do texto e das linguagens que envolvem o objeto livro. Na obra *Em busca do texto perfeito*, Ribeiro

---

<sup>1</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; poetaisa@gmail.com

faz um panorama das questões que envolvem o profissional do texto, desde a formação e o enfrentamento do mercado. Em relação às áreas de formação, a Comunicação e a Letras são diretamente ligadas ao ramo. Para ela esses profissionais “[...] deveriam ter formação generalista no que tange as habilidades para ler e redigir textos. As especializações de cada um deles costumam ser dadas por habilitações diferenciadas ou em pós-graduações *lato sensu*.” (RIBEIRO, 2016, p. 14), e inicia assim a problematização: que profissional é este? Ao largo dos inúmeros cursos de graduação e pós-graduações existentes no Brasil, poucos são aqueles destinados exclusivamente a formar um profissional denominado revisor ou editor de textos para atuar no ramo editorial. Enquanto que o mercado recorre aos profissionais da Comunicação e das Letras como uma forma de sanar a lacuna de um especialista no tratamento editorial de textos.

Ribeiro (2016) expõe dados que demonstram o quanto este profissional e sua atuação são invisíveis, pois pouco se sabe sobre o que faz um editor de textos e, muitas vezes, a produção jornalística é confundida, equivocadamente, com a de livros (RIBEIRO, 2016, p. 16). Nas considerações sobre a obra, Ribeiro (2016) esclarece que não se trata de um manual, mas poderíamos denominar como um pequeno compêndio que se desdobrará em outros volumes escritos por especialistas do assunto, e que constituirão a coleção promovida pela editora Artigo A, sob a mesma chancela reflexiva: “questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual”. A seara que percorre a autora vai desde o impresso até o digital, no qual culmina sobre os e-books e demais modalidades textuais virtuais.

A obra é dividida em cinco capítulos que instigam a pensar a atuação do revisor. No primeiro capítulo, Ribeiro (2016) aborda as diferenças entre o preparador de textos e o revisor de provas na produção de livros. Neste capítulo a discussão da formação é o cerne sobre que profissional é esse e como ele se insere no mercado.

O segundo capítulo traz as representações do revisor em obras literárias e faz um percurso sobre a personificação do revisor dada na coluna esportiva do jornalista Eduardo Almeida Reis. A análise das colunas de Almeida Reis evidencia as relações estabelecidas entre leitor e colunista por meio de diálogos sobre o uso correto da língua portuguesa, e traz à cena para o leitor que por trás do que se lê existe alguém que prepara e dá forma ao texto que ele vai ler. O revisor, às vezes, é confundido com

o corretor gramatical. Com isso, inicia-se um contundente debate sobre norma padrão e norma culta, e quais são as diferenças e seus usos.

O terceiro capítulo faz um pequeno estudo de caso gramatical sobre o uso e convenções da abreviatura das horas. Ribeiro (2016) utiliza gramáticas, abordagens de gramáticos e dicionaristas e até mesmo manuais de jornalismo mais conhecidos como por exemplo, os dos periódicos manual *Folha de S. Paulo e Estado de Minas*. A autora também faz uma crítica aos manuais que tentam ser direcionados ao público em geral por profissionais que não tiveram chancela de especialistas, porém em uma abordagem didática, a qual chamou de “infanto-juvenil”. Ela apresenta dados de um teste de redação com alunos do curso de engenharia do CEFET-MG, O resultado da pesquisa mostrou a variabilidade de usos da abreviação de horas, e devido às dificuldades por qual norma é correta. Semelhante a esta pesquisa de Ribeiro (2016), Lucia Santaella estudou sobre as redações técnico-científicas produzidas por egressos no ensino superior na década de 1970. Santaella (2005) buscou responder a seguinte indagação: “Por que os alunos entram na universidade sem a capacidade desenvolvida de ler, compreender e, sobretudo, de escrever textos de modo coerente e claro?” (SANTAELLA, 2005, p. 14). Os resultados levaram a uma primeira resposta para estudos mais aprofundados:

[...] compreendemos que não nos faltavam critérios para avaliar os erros gramaticais sintáticos e semânticos que os alunos cometiam, pois os parâmetros para esses critérios nos são fornecidos por qualquer livro de gramático. Faltavam-nos, isto sim, critérios para avaliar os problemas que interferiam na organização da globalidade dos textos. [...] Nem a gramática, nem as teorias linguísticas, então em voga, forneciam-nos elementos para analisar a redação em níveis que extrapolam a unidade da frase ou do período. Em suma, sabíamos corrigir erros de gramática e detectar porque eles ocorriam, mas não sabíamos de onde vinham as dificuldades reveladas pelos alunos para estruturar um texto coerentemente. Precisávamos, portanto, compreender o que é um texto como um todo para conhecer quais são os problemas para além da gramática que o afetam. (SANTAELLA, 2005, p. 14)

Nesta linha de pensamento sobre o tratamento textual, Ribeiro elucida as mesmas questões feitas em 1974 por Santaella. Com o passar dos anos essas questões persistiram e adentraram a era virtual. E sobre este novo espaço de atuação, num processo dinâmico com o surgimento das novas

tecnologias é que se estabelecem as relações com o meio digital. O último capítulo levanta questões pertinentes da atualidade, onde a imersão virtual demanda um olhar atento às hibridizações textuais.

A obra de Ana Elisa Ribeiro não só suscita uma reflexão, mas repensar a atuação e situar o profissional do texto na contemporaneidade e sua importância conquistada ao longo do tempo. Para além de suas colocações, ao final de cada capítulo, Ribeiro traz uma pequena lista de outras leituras correlacionadas, mas não são indicações bibliográficas de cunho técnico ou científico, e sim sugestões literárias que permitem alçar um voo por horizontes imaginários permitidos pela ficção literária e cinematográfica. De leitura fácil e clara, a obra é indicada para estudantes da graduação e especialistas que atuam nos segmentos ligados à edição editorial, jornalística, bibliotecária, educacional e informacional.

## Referências

- RIBEIRO, Ana Elisa. *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*. Divinópolis, MG: Artigo A, 2016.
- SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.